

**Jack
Kerouac**

Anjos da desolação

Tradução de GUILHERME DA SILVA BRAGA

PARTE UM

A desolação solitária

1

Aquelas tardes, aquelas tardes preguiçosas, quando eu costumava ficar sentado, ou deitado, no Desolation Peak, às vezes na grama alpina, com centenas de quilômetros de rocha coberta pela neve ao redor, e o Monte Hozomeen assoando no meu Norte, o enorme Jack nevado ao Sul, o cenário encantado do lago lá embaixo a Oeste e a elevação nevada do Mt. Baker mais adiante, e no Leste as monstruosidades se elevando até Cascade Ridge, e depois da primeira vez percebendo que “Fui eu que mudei e fiz tudo isso e vim e fui e reclamei e magoei e me alegrei e gritei, não o Vazio” e então toda vez que eu pensava no vazio eu estava olhando para o Mt. Hozomeen (porque a cadeira e a cama e a grama davam para o Norte) até que eu percebi que “O Hozomeen é o Vazio – pelo menos o Hozomeen significa o vazio pros meus olhos” – Rocha nua, pináculos se erguendo a centenas de metros sobre músculos disformes com outras tantas centenas de metros sobre imensos ombros de tábua, e a serpente de abetos pontudos da minha própria serra (Starvation) se contorcendo ao redor, ao redor daquela rocha terrível azul arqueada de corpo fumacento, e as “nuvens de esperança” fazendo preguiça no Canadá longínquo com carinhas pequenas e colinas paralelas e expressões debochadas e sorrisos e vazios que mais parecem ovelhas e sopros do focinho e miados estalantes que dizem “Ah! Ah vi terra!” – os próprios picos mais abomináveis do Hozomeen feitos de rocha escura e eu só não vejo eles quando cai uma tempestade e depois tudo o que eles fazem é retornar dente por dente à tempestade uma birra imperturbável para a névoa que vem das nuvens – o Hozomeen que não estoura que nem uma cabana improvisada no vento, que quando vista de ponta-cabeça (quando planto bananeira no jardim) não passa de uma bolha suspensa no oceano infinito do espaço – Hozomeen, Hozomeen, mais bela montanha que eu já vi, como um tigre às vezes listrado, riachos banhados em sol e escarpas ensombrecidas que rabiscam linhas sinuosas à Luz do Dia, sulcos verticais e elevações e rachaduras Bu!, bum, magnífica montanha Prudente, ninguém nunca ouviu falar a respeito, e ela só tem 2.400 metros de altura, mas que horror quando eu vi aquele vazio pela primeira vez na primeira noite da minha estada no Desolation Peak acordando de nevoeiros densos de 20 horas para uma noite salpicada de estrelas assomada pelo Hozomeen com os dois pontos agudos dele, bem no preto da minha janela – o Vazio, toda vez que eu

pensava no Vazio eu via o Hozomeen e entendia – por mais de 70 dias eu tive que olhar para ele.

2

É, porque eu pensei, em junho, que eu pegaria carona até o alto e chegaria no Skagit Valley no noroeste de Washington para o meu trabalho de vigia de incêndio “Quando eu chegar no topo do Desolation Peak e todo mundo for embora de mula e eu ficar sozinho eu vou ficar cara a cara com Deus ou Tathagata e descobrir de uma vez por todas qual é o significado de toda essa existência todo esse sofrimento e de todo esse vaivém inútil” mas em vez disso eu fiquei cara a cara comigo mesmo, sem álcool, sem drogas, sem nenhuma chance de fingir mas cara a cara comigo Odioso Duluoz e muitas vezes eu pensei em morrer, suspirar de tédio ou pular da montanha, mas os dias, não as horas se arrastavam e eu não tinha coragem para um salto desses, eu tinha que *esperar* e ver a cara da realidade – e até que enfim ela apareceu naquela tarde de 8 de agosto enquanto eu estava zanzando nas alturas do jardim alpino na estradinha amarela que eu tanto havia pisoteado, com a minha lamparina a óleo inclinada quase até o chão dentro da cabana com janelas para todos os lados e um telhado de pagode e para-raios, enfim apareceu para mim, depois até das lágrimas, do ranger de dentes, e do assassinato de um rato e da tentativa de homicídio de um outro, algo que eu nunca tinha feito na minha vida (matar animais mesmo roedores), e veio nessas palavras: O vazio não é afetado por altos e baixos, meu Deus olha só para o Hozomeen, por acaso ele está preocupado ou chorando? Por acaso ele se curva diante das tempestades ou rosna quando o sol brilha ou suspira na sonolência do dia que acaba? Por acaso ele sorri? Ele não nasceu de tumultos pirados e chuvas de fogo e agora não é o Hozomeen e nada mais? Por que eu deveria ser doce ou amargo se ele não é nenhum dos dois? – Por que eu não posso ser como o Hozomeen e ó clichê ó velho clichê grisalho da mente burguesa “aceite a vida como ela é” – Foi aquele biógrafo alcoólatra, W. E. Woodward, que disse, “Não há nada na vida afora o viver” – Mas Deus, como estou de saco cheio! Mas o Hozomeen também está de saco cheio? E eu estou de saco cheio de palavras e de explicações. O Hozomeen também?

Aurora boreal
no Hozomeen –
O vazio silencia

– Até o Hozomeen vai rachar e ruir, nada perdura, tudo é apenas uma jornada por entre todas as outras coisas que são, uma passagem, é isso o que

está acontecendo, para que fazer perguntas ou arrancar os cabelos ou chorar, o bom Lear baço e bordô borbulhando no pântano de agruras é só um velho falastrão com bigodes alados que tem um bobo por consciência – ser e não ser, é isso o que somos – Será que o Vazio participa da vida e da morte? Será que tem funerais? Ou bolos de aniversário? Por que eu não sou como o Vazio, infinitamente fértil, além da serenidade, além até mesmo da alegria, só o Velho Jack (e nem ao menos isso) e não dou um jeito na minha vida a partir de agora (embora ventos soprem pela minha traqueia), essa imagem inagarrável em uma bola de cristal não é o Vazio, o Vazio é a própria bola de cristal e todas as minhas tristezas o Sutra de Lankavatara uma rede de otários “Vejam, senhores, uma incrível rede triste” – Aguenta aí, Jack, segue adiante, e tudo é um sonho, uma ilusão, um clarão, um olhar triste, um mistério lúcido de cristal, uma palavra – Segura firme, cara, recupera o teu amor pela vida e desce dessa montanha para simplesmente *ser – ser – ser* a fertilidade infinita da mente da infinitude, sem comentários, reclamações, críticas, julgamentos, juras, ditados, estrelas cadentes do pensamento, é só *deixar fluir, agora, seja* você mesmo, seja você o que você é, isso é tudo o que sempre é – A Esperança é uma palavra que nem um monte de neve – Essa é a Grande Sabedoria, esse é o Despertar, esse é o Vazio – Então cala a boca, vive, viaja, te aventura, abençoa e não te arrepende – Ameixas, ameixas, come as tuas ameixas – E você tem existido para sempre, e vai existir para sempre, e todas as pancadas do teu pé cansado nas portas inocentes do armário foram apenas o Vazio fingindo ser um homem que fingia não conhecer o Vazio –

Voltei para casa um novo homem.

Tudo o que eu preciso fazer é esperar 30 longos dias para descer da rocha e mais uma vez viver a doce vida – sabendo que ela nunca é doce nem amarga mas apenas do jeito que é, e é assim mesmo –

Então eu passo longas tardes sentado na minha cadeira (de lona) encarando o Hozomeen Vazio, a quietude silencia na minha pequena cabana, o meu fogão está parado, os meus pratos reluzem, a minha lenha (velhos gravetos que eu uso para fazer pequenas fogueiras de índio no fogão e cozinhar refeições rápidas) a minha lenha está empilhada e enrodilhada no canto, as minhas comidas em lata esperam ser abertas, os meus velhos sapatos rachados choram, as minhas painéis se inclinam, os meus panos de prato se penduram, as minhas coisas estão espalhadas em silêncio pelo cômodo, os meus olhos doem, o vento chafurda e late para a janela e para as venezianas levantadas, a luz nas sombras do fim da tarde e azuis-escuros do Hozomeen (revelando uma risca vermelha no meio) e eu não tenho nada a fazer a não esperar – e respirar (e respirar é difícil no ar rarefeito das alturas, com a sinusite da Costa Oeste) – esperar, respirar, comer, dormir, cozinhar, lavar, andar, observar, nunca nenhum incêndio na floresta – e sonhar acordado,

“O que que eu vou fazer quando chegar em Frisco? Ah, na primeira noite eu vou alugar um quarto em Chinatown” – mas ainda mais próximo e doce é o sonho com o Dia de Partir, um dia sagrado no início de setembro, “Eu vou descer a trilha, duas horas, encontrar o Phil no bote, ir até o Ross Float, passar a noite lá, bater um papo na cozinha, partir cedo da manhã no Diablo Boat, sair direto do pequeno píer (dar um oi para o Walt), pegar carona direto até Marblemount, receber o meu pagamento, pagar as minhas contas, comprar uma garrafa de vinho e beber ao lado do Skagit durante a tarde e na manhã seguinte partir rumo a Seattle” – e assim por diante, até Frisco, e depois LA, e depois Nogales, e depois Guadalajara, e depois Cidade do México – E mesmo assim o Vazio está lá parado e não vai se mexer nunca –

Mas eu vou ser o Vazio, me mexendo sem ter me mexido.

3

Argh, e eu lembro dos doces dias em casa que eu não apreciei enquanto eu podia – naquela época, quando eu tinha 15, 16 anos, tarde era sinônimo de biscoitos Ritz Brothers e creme de amendoim e leite, na velha mesa redonda na cozinha, e os meus problemas de xadrez ou partidas de beisebol autoinventadas, já que o sol alaranjado de Lowell em outubro caía oblíquo pela varanda e pelas cortinas da cozinha e desenhava um retângulo preguiçoso cheio de poeira e nele o meu gato ficava lambendo as patas com uma língua de tigre e dentes de agulha, todo sofrido e acometido pelo pó, meu Deus – então agora com as minhas roupas sujas e rasgadas eu sou um mendigo na Cordilheira das Cascatas e tudo o que eu tenho em termos de cozinha é esse fogão doido e surrado com rachaduras de ferrugem na chaminé – sim, com aniagem velha enfiada entre o cano e o teto para manter os ratos longe à noite – dias longínquos quando eu podia simplesmente ir e dar um beijo ou na minha mãe ou no meu pai e dizer “Eu gosto de você porque um dia eu vou ser um velho mendigo desolado e vou acabar sozinho e triste” – Ó Hozomeen, as rochas cintilam no sol poente, os parapeitos da fortaleza impenetrável erguem-se como Shakespeare no mundo e por quilômetros ao redor nada conhece o nome de Shakespeare, do Hozomeen ou o meu –

Fim da tarde há muito tempo em casa, e até em tempos mais recentes na Carolina do Norte quando, para lembrar da infância, comi biscoitos Ritz e creme de amendoim e tomei leite às quatro, e joguei o jogo de beisebol na minha escrivania, e tinha escolares com sapatos riscados indo para casa que nem eu, esfomeados (e eu fazia para eles Bananasplits especiais do Jack, só seis míseros meses atrás) – Mas aqui no Desolation o vento rodopia, desolado de

música, chacoalhando as vigas do teto, progenitando a noite – As sombras morceguísticas gigantes das nuvens pairam acima da montanha.

Logo o escuro, logo os pratos limpos, a refeição comida, esperando por setembro, esperando pela descida de retorno ao mundo.

4

Enquanto isso os pores do sol são bobos loucos cor de laranja surtando na escuridão, e ao longe no Sul em direção aos pretendidos braços amáveis de senhoritas, pilhas rosadas de neve esperam aos pés do mundo, em cidades com raios de prata generalizados – o lago é uma panela dura, cinza, azul, esperando nas profundezas enevoadas para quando eu andar no bote de Phil – A Jack Mountain como sempre recebe o galardão da nuvenzinha na base metida, com mil campos de futebol americano nevados e confusos e rosados, aquele abominável homem de neve inimaginável petrificado de cócoras na serra – O Golden Horn ao longe ainda está dourado no Sudeste cinza – A silhueta monstruosa da Sourdough sobranceia o lago – Nuvens mal-humoradas escurecem para fazer bordas de fogo na forja onde a noite é martelada, montanhas enlouquecidas marcham em direção ao pôr do sol como cavalheiros bêbados em Messina quando Ursula era bela, eu poderia jurar que o Hozomeen ia se mexer se a gente desse um jeito de convencer ele mas ele passa a noite comigo e logo quando as estrelas choverem nos campos nevados ele vai estar rosa de orgulho e todo preto e destrumbicado ao Norte onde (logo acima dele toda noite) a Estrela Polar reluz em tons de laranja-pastel, verde-pastel, laranja-férreo, azul-férreo, com a azurita indicando augúrios constelativos da maquiagem dela que você poderia pesar na balança do mundo dourado –

O vento, o vento –

E lá está a minha pobre escrivaninha humana esforçada onde eu passo tanto tempo sentado durante o dia, virado para o Sul, os papéis e os lápis e a xícara de café com galinhos de abeto alpino e uma estranha orquídea das alturas murchável em um dia – meu chiclete Beechnut, minha bolsinha de tabaco, pós, pobres revistas pulp que eu tenho que ler, vista para o Sul para todas aquelas majestades nevadas – A espera é longa.

Em Starvation Ridge
pequenos gravetos
Tentam crescer.

5

Na noite anterior à minha decisão de viver amando eu fui degradado, insultado e acabei triste por causa de um sonho:

“E arranje um belo bife de filé mignon!” diz Mamãe ao mesmo tempo em que dá o dinheiro para Deni Bleu, ela está nos mandando para o açougue para providenciar uma janta das boas, e de repente ela também decidiu pôr toda a confiança dela em Deni nesses últimos anos agora que eu me transformei num ser vago efêmero indeciso que amaldiçoa os deuses enquanto dorme na cama e fica andando com a cabeça descoberta e cara de idiota na escuridão cinzenta – É na cozinha, está tudo combinado, eu não digo nada, nós dois saímos – No quarto da frente ao lado da escada Papai está morrendo, está no leito de morte e já praticamente morto, e é apesar *disso* que Mamãe quer um belo bife, quer depositar a última esperança humana dela em Deni, numa espécie de solidariedade decisiva – Papai está magro, pálido, os lençóis dele são brancos, eu tenho a impressão de que ele já morreu – Nós descemos na escuridão e de alguma forma encontramos o caminho até o açougue do Brooklyn nas ruas principais do centro perto do Flatbush – Bob Donnelly está lá com o resto do pessoal, de cabeça descoberta e todo maloqueiro na rua – Um brilho surge nos olhos de Deni quando ele vê a chance de se aproveitar da situação e virar um golpista com todo o dinheiro de Mamãe nas mãos dele, no açougue ele pede a carne mas eu vejo que ele aplica o golpe do troco e enfia o dinheiro no bolso e consegue fracassar no acordo *dela*, no *último* acordo dela – Ela tinha depositado todas as esperanças nele, eu já não servia para mais nada – Sei lá por que a gente não volta para a casa de Mamãe e vai parar no River Army, depois de assistir a uma prova de remo, para nadar com a correnteza nas águas frias revoltas perigosas – O barco, se fosse mais comprido, poderia ter mergulhado bem na plateia enflotilada e saído do outro lado mas por culpa do design problemático o piloto (sr. Darling) reclama que foi por isso que o barco simplesmente se escondeu debaixo da plateia e ficou presa lá e não pôde seguir adiante – grandes oficiais flutuantes tomaram nota.

Comigo no grupo da frente, o Army começa a descer com a correnteza, estamos indo para as pontes e cidades lá embaixo. A água está fria e a correnteza é ruim demais mas eu nado e continuo me esforçando. “Como eu vim parar aqui?”, eu penso. “E o bife da Mamãe? O que o Deni Bleu fez com a grana dela? Onde está ele agora? Ah eu não tenho tempo para pensar!” De repente em um gramado ao lado da igreja de St. Louis de France na margem eu escuto crianças gritando uma mensagem para mim, “Ei a sua mãe está num manicômio! A sua mãe foi parar em um manicômio! O seu pai morreu!” e eu percebo tudo o que aconteceu e, ainda nadando no Army, fico preso me

debatendo na água fria, e tudo o que eu posso fazer é lamentar, lamentar no horror desvalido da manhã, eu me odeio amargamente, já é amargamente tarde mas embora eu esteja melhor eu ainda me sinto efêmero e irreal e incapaz de endireitar os meus pensamentos ou mesmo lamentar de verdade, eu me sinto estúpido demais para ser amargo de verdade, em suma eu não sei o que eu estou fazendo e estou recebendo ordens quanto ao que fazer do Army e Deni Bleu também me meteu numa enrascada, finalmente, para conseguir a doce vingança dele mas no geral é só que ele decidiu virar um delinquente de uma vez por todas e essa foi a chance –

...E mesmo que a mensagem gélida de açafão possa vir das geleiras ensolaradas desse mundo, ó os tolos assombrados que nós somos, eu acrescento um apêndice a uma longa carta carinhosa que eu vinha escrevendo para a minha mãe há semanas

Mãe, não se desespere, eu vou tomar conta de você sempre que você precisar de mim – é só dar um grito... Eu estou bem aqui, nadando no rio das provações mas eu sei nadar – Não pense nem por um instante que você está sozinha. Ela está a 5.000 quilômetros de distância vivendo presa a parentes maus. Desolação, desolação, como hei de um dia poder retribuir tudo isso?

6

Eu podia ficar louco assim – Ó levatudo homaya mas a hoda pode seguir a barulhardana, broal o vazou desvazio corre-dor, o craal – Minha canção de voradora a parte de-escarrilhada levando tudo numa broa – parta você também pode voar e verdejar – céu lua sal arrancado nas marés da noite chega mais, balança no ombro gramado, rola a pedra do Buda por cima do celeiro enevoado rosa dividido do Pacífico – Ó pobre pobre pobre esperança humana, ó mofado quebrando a ti espelho a ti sacudiu pa t n a watalaka – e muito mais –

Ping.

7

Toda noite às 8 os vigias de incêndio nas várias montanhas da Mount Baker National Forest batem papo e falam bobagens pelo rádio – Eu tenho o meu próprio conjunto Packmaster que eu ligo para ficar escutando.

É um grande acontecimento nessa solidão –

“Ele perguntou se você ia dormir, Chuck.”

“Vocês sabem o que o Chuck faz quando sai para uma patrulha? – Ele procura um lugarzinho aconchegante à sombra e simplesmente dorme.”

“Você disse Louise?”

“– Eu não sei –”

“– Bem eu só tenho mais três semanas de espera –”

“– bem na 99 –”

“O Ted?”

“É mesmo?”

“Como você mantém o fogão quente para fazer aqueles, ah, aqueles muffins?”

“Ah é só deixar o fogo quente –”

“Eles só têm uma estrada que ah ziguezagueia por tudo –”

“Ah bem eu tô torcendo – vou estar lá esperando de qualquer jeito.”

Bzzzzz bzgg – o longo silêncio pensativo dos vigias mais jovens –

“Tá e o seu amigo vai aparecer aí para pegar você?”

“Oi Dick – Oi Studebaker –”

“É só ficar colocando lenha sem parar, só isso, ele vai ficar quente –”

“E você ainda vai pagar pra ele a mesma coisa que você pagou quando ele ah saiu?”

“– É mas ah três quatro viagens em três horas?”

A minha vida é uma lenda vasta e insana e imensa sem começo nem fim, que nem o Vazio – que nem o Samsara – Mil lembranças retornam como tiques o dia inteiro perturbando a minha mente ativa com espasmos quase musculares de vividez e recordações – Cantando *Loch Lomond* com um sotaque fajuto de inglês enquanto eu aqueço o meu café no crepúsculo frio e cor-de-rosa, na mesma hora eu lembro daquela vez em 1942 na Nova Escócia quando o nosso navio sórdido chegou da Groenlândia para uma noite de licença em terra, outono, pinheiros, um crepúsculo frio e depois o sol do amanhecer, no rádio desde a América em guerra a voz tênue de Dinah Shore cantando, e como a gente se embbedou, como a gente escorregava e caía, como a alegria encheu o meu coração e explodiu esfumaçando na noite em que eu estava quase de volta à minha América amada – aquele amanhecer frio para cachorro –

Quase ao mesmo tempo, só porque eu estou trocando as calças, ou melhor colocando um par de calças extras para a noite ululante, penso na maravilhosa fantasia sexual dos velhos tempos quando eu estou lendo uma história de caubói sobre o fora da lei que sequestra a garota e fica sozinho com ela no trem (a não ser por uma velha) que (a velha agora no meu devaneio está dormindo no banco enquanto o meu eu velho durão e *hombre* fora da lei empurra a loira para o compartimento dos homens, com uma arma apontada para ela, e ela não reage mas arranha (claro) (ela adora um assassino honesto e eu sou o velho Erdayway Molière o homicida texano debochado que carneia touros em El Paso e que armou o espetáculo só para meter bala nas pessoas)

– Eu ponho ela no banco e me ajoelho e começo a mandar ver no estilo dos cartões-postais franceses até que ela fecha os olhos e abre a boca e não aguenta mais e começa a amar esse fora da lei e então graças à própria vontade consensual espontânea louca ela cai de joelho e começa a mandar ver, então quando eu termino ela se vira enquanto a velha dorme e o trem segue estrondeando pelos trilhos – “Que delícia querida” eu digo para mim mesmo no Desolation Peak e como se eu estivesse falando com Bull Hubbard, usando o jeito dele de falar, e como se eu quisesse que ele achasse graça, como se ele estivesse aqui, e escuto Bull dizer “Não seja tão efeminado Jack” que nem ele me disse a sério em 1953 quando eu comecei a tirar uma onda por causa dos hábitos efeminados *dele* “Em *você* não fica bem Jack” e cá estou eu desejando que eu estivesse com Bull em Londres agora à noite –

E agora a lua nova, marrom, afunda cedo lá no escuro do Baker River.

A minha vida é um vasto épico inconsequente com milhões de personagens – e todos eles aparecem enquanto rolamos depressa em direção ao Leste, enquanto a terra rola depressa em direção ao Leste.

8

Para fumar só o que eu tenho é papel da Força Aérea para enrolar o tabaco, um sargento inflamado nos deu uma palestra sobre a importância da Brigada de Observação Terrestre e distribuiu blocos gordos de papel em branco para a gente registrar ao que tudo indicava armadas inteiras de bombardeiros inimigos em algum Conelrad paranoico do cérebro dele – Ele era de Nova York e falava depressa e era judeu e me fazia sentir saudades de casa – “Registro-Relâmpago de Mensagens de Aeronave”, com linhas e números, eu pego a minha tesourinha de alumínio e corto um quadrado e enrolo uma guimba e quando os aviões passam eu fico cuidando da minha vida embora ele (o Sarg.) tenha dito “Se vocês virem um disco voador registrem o disco voador” – No papel está escrito: “Número de aeronaves, um, dois, três, quatro, muitas, desconhecido”, me lembra do sonho que eu tive em que eu e W. H. Auden estávamos em um bar no Rio Mississippi fazendo piadas elegantes sobre “urina feminina” – “Tipo da aeronave”, o papel continua, “monomotor, bimotor, a jato, desconhecido” – É claro que eu amo esse desconhecido, não tenho mais nada para fazer aqui em cima no Desolation – “Altitude da aeronave” (curte só) “Muito baixa, baixa, alta, muito alta, desconhecida” – e depois “OBSERVAÇÕES ESPECIAIS: EXEMPLOS: Aeronave hostil, zepelim, helicóptero, balão, aeronave em combate ou em situação de emergência etc.” (ou baleia) – Ó, triste aeronave emergente rosa desconhecida, venha!

O meu papel de enrolar cigarros é tão triste!